

EDITORIAL

Cássia Siqueira
Rafael Moscardi
Romulo Moraes
Zenobio de Almeida

A presente edição da Revista das Questões reúne textos publicados pela revista internacional &&& ('Tripleampersand'). Essa plataforma de publicações é comandada pela The New Centre for Research and Practice, que é hoje a principal instituição para-acadêmica para a pesquisa em pós-humanidades, integrada por instrutores, pesquisadores, estudantes e membros de todos os continentes. Atualmente, a New Centre conta com quatro programas de pós-graduação, cujo escopo temático se aplica de forma consistente à temática dos textos aqui presentes: Filosofia Crítica, dirigido por Reza Negarestani; Estudos Transdisciplinares, dirigido por Jason Mohaghegh; Arte e Prática Curatorial, dirigido por Cécile Malaspina; e Design Universal Pós-Planetário, dirigido por Ed Keller e Carla Leitão.

Fundada em 2014, em meio às formulações do aceleracionismo de esquerda e do xenofeminismo, a New Centre logo se tornou um dos principais centros de elaboração teórica e prática do programa filosófico comumente chamado de "neo-racionalista", e também daquilo que podemos entender hoje como uma "filosofia sintética". O neo-racionalismo pode ser

genericamente compreendido como um movimento que busca responder aos problemas do realismo especulativo com a recentralização da razão, do pensamento imanente e do construtivismo lógico. Já a filosofia sintética se propõe à superação da dicotomia entre filosofia analítica e continental; sem deixar de reconhecer os limites que distinguem os dois campos de investigação e suas ferramentas conceituais, pretende superar os obstáculos trazidos à tona pela delimitação simplificante de seus objetos e metodologias.

Nesse sentido, os principais debates que se desdobram no âmbito interno da New Centre dão conta das possibilidades de pensamento "pós-aceleracionista", isto é, que absorve e contesta os desenvolvimentos da filosofia anglófona do início dos anos 2010, com abertura ao dissenso e à contradição argumentativa mas tendendo de modo geral à posição neo-racionalista, na acepção mais abrangente do termo. Na origem dessa tendência está a influência dos problemas e temas que envolvem o projeto inumanista de Reza Negarestani em seu prestigiado *Intelligence and Spirit* (Urbanomic, 2018). No livro, Negarestani propõe uma crítica computacional das estruturas transcendentais responsáveis pela formação da experiência, a partir de uma leitura particular de Hegel e da fundamentação conceitual de uma Inteligência Artificial Geral. As perspectivas filosóficas que perpassam os textos aqui reunidos estão portanto aliadas, de um lado, a correntes mais experimentais da filosofia contemporânea (o aceleracionismo, o realismo especulativo, o inumanismo, a não-filosofia), e de outro a descobertas e invenções técnicas, de engenharia prática e conceitual (a ciência da complexidade, a ciência cognitiva, a neurociência, a lógica, a linguística e a computação).

Daniel Sacilotto toma essa própria distinção como objeto em “Sobre metodologia filosófica: Um olhar sellarsiano sobre a divisão analítico/continental”. Em suas palavras, a leitura de Sellars proposta por ele “pode ser entendida como preparatória a uma resolução bem-sucedida dessas divergências, reconciliando o ímpeto crítico radicalizado da tradição continental com a insistência na pertinência da epistemologia e a adesão ao método científico próprias da tradição analítica.” Alinhada a essa postura, apresentamos uma investigação de “formas de vida sem mundo”, por Katherine Adams, onde se desenvolve uma noção de “apatridia” para definir o modo – político e lógico – com que diferentes mundos se confrontam, retirando para isso *insights* do pensamento de Nelson Goodman, Alain Badiou e Patricia Reed. Também nessa esteira, J.-P. Caron interroga a relação entre arte e vida a partir da ideia de vanguarda em Peter Bürger e da tradição artística pós-Cage, o que exige um mapeamento da constituição da experiência desde sua base neurofisiológica até as mediações colocadas pelo mundo da arte em sua concretude institucional.

Em termos de uma análise mais detida das materialidades técnicas e probabilísticas da automação, alguns dos textos aqui presentes tratam das consequências estéticas e psicológicas relativas à inteligência artificial. Em “Seria a arte feita de chips?”, Georgia Skartadou busca entender o impacto da inteligência artificial sobre a criação artística, questionando noções de “passabilidade” e “autenticidade” em relação a obras de arte generativas. Em “Pode, à máquina, faltar?”, Valentin Golev aplica procedimento semelhante para expandir a compreensão de uma psicologia maquínica: seguindo a dialética lacaniana, ele verifica “como a computação (...) depende ou

não da crença na benevolência e consistência de seu *Outro*: programadores, sistemas operacionais, fórmulas". Terrence Sharpe e Michael Eby, por sua vez, debatem a inteligência artificial em seus aspectos mais lógicos: em Sharpe, apresenta-se a inteligência artificial como um tecido social interativo e alienígena, a partir de uma mecanologia simondoniana; em Eby, analisa-se diferentes modelos históricos de inteligência artificial para entender como eles fornecem chaves para a compreensão do raciocínio simbólico em amplo espectro.

Finalmente, um terceiro grupo dos artigos aqui apresentados trabalha no eixo do pensamento sócio-político, a partir do momento contemporâneo e no contexto pós-aceleracionista supracitado. Hilan Bensusan traça um panorama dos "partidos cosmopolíticos" da nossa época, com especial atenção para a emergência de um cenário simultaneamente pós-capitalista e pós-niilista, de modo a compreender as raízes do conflito entre pensadores marxistas e animistas. Sasha Shestakova esboça futuros possíveis de dentro do próprio fim do mundo neoliberal, convocando-nos à reformulação do Eu a partir de infra-estruturas concretas e sensíveis a diferentes escalas de tensão. E os três textos finais fornecem ferramentas essenciais para um entendimento mais completo do aceleracionismo enquanto campo filosófico-político em disputa: a entrevista com Nick Srnicek explora problemas que se abriram a partir da repercussão do seu trabalho em conjunto com Alex Williams, em livros como *Inventing the Future* (Verso, 2015) e *#Accelerate Manifesto* (Anagram, 2017), refletindo sobre o futuro dessa agenda de pesquisa e suas potencialidades enquanto tática anti-capitalista; o texto de Benjamin Noys faz um resumo do que é, do que não é, e do que pode ser o aceleracionismo, tecendo

uma crítica à adoção de um conceito spinozista de substância; por último, a transcrição da palestra de Mohammad Salemy, o diretor do New Centre, propõe um mapeamento do campo aceleracionista e sua recepção e elabora um conjunto de proposições que, de certo modo, buscam impedir a diluição da radicalidade do aceleracionismo enquanto tática por outras posições dominantes dentro das humanidades.

O volume se encerra convidando à "configuração de instituições ou processos que sejam eles mesmos aceleracionistas". É neste contexto que se localiza a The New Centre for Research & Practice e a sua plataforma &&&: enquanto matriz para experimentos institucionais práticos em torno de um espaço para-acadêmico que consiga responder à erosão da academia tradicional e às demandas de um mundo em plena aceleração.